

# A microconstrução [toda vida que]<sub>conect</sub> no português

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i2.3667>

**Solange de Carvalho Fortilli<sup>1</sup>**

## Resumo

Neste trabalho, examina-se a microconstrução [toda vida que] como um conectivo temporal do português. Vinculada à abordagem cognitivo-funcional, a investigação parte do uso linguístico e contempla pressupostos dos Modelos Baseados no Uso (Bybee, 2016, Goldberg, 2019, Diessel, 2019, Traugott; Trousdale, 2021), com atenção a propriedades construcionais que, no caso em estudo, explicam traços de sua função conectora. Para a análise, foram utilizados o Corpus do Português e a rede social X. O exame de 129 casos submetidos a parâmetros fundamentalmente qualitativos possibilitou o detalhamento da microconstrução, revelando sua posição preferida, aspectos de sua composicionalidade e subespecificações de significado. Como resultado, confirma-se o enquadre de [toda vida que] no campo temporal e no esquema [XQUE]<sub>conect</sub> (Oliveira; Arena, 2019).

**Palavras-chave:** Modelos Baseados no Uso; microconstrução temporal; conectivo.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil; [solange.fortilli@ufms.br](mailto:solange.fortilli@ufms.br); <https://orcid.org/0000-0002-8348-4359>

# The micro-construction [toda vida que]<sub>connect</sub> in portuguese

## Abstract

This paper examines the microconstruction [toda vida que] as a temporal connective in Portuguese. Linked to the cognitive-functional approach, the investigation starts from linguistic usage and considers assumptions from Usage-Based Models (Bybee, 2016, Goldberg, 2019, Diessel, 2019, Traugott; Trousdale, 2021), with attention to constructional properties that, in the case under study, explain features of its connective function. The Portuguese Corpus and the X social network were used for the analysis. The examination of 129 cases subjected to fundamentally qualitative parameters allowed the detailing of the microconstruction and revealed its preferred position, aspects of its compositionality and subspecifications of meaning. As a result, the insertion of [toda vida que] in the temporal domain and in the [XQUE]<sub>connect</sub> scheme (Oliveira; Arena, 2019) is confirmed.

**Keywords:** Use-Based Models; temporal micro-construction; connecting function.

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar, na sincronia atual do português, a atuação da microconstrução [toda vida que] como um conectivo de valor temporal, passível de figurar na rede dos conectivos [XQUE] (Oliveira; Arena, 2019, Cezario *et al.*, 2022). Pretende-se, com a investigação, situar essa forma no subesquema que abriga conectivos prefaciadores de orações hipotáticas temporais, reforçando também a ideia de que as redes de construções se reestruturam continuamente, a partir de novos arranjos que se presentificam nos eventos de uso.

Como ilustração, são expostas as ocorrências abaixo, coletadas nas abas Web Dialetos e Now do Corpus do Português (alternativamente, CP) e na rede social X (Twitter)<sup>2</sup>:

- (01) “Bang”, da própria Anitta, é um bom exemplo, afinal quem que resistiu a bater palminhas **toda vida que** começava o “vem na maldade, com vontade, chega encosta em mim...”? (CP)
- (02) O problema de difícil acesso poderia ser resolvido tendo acessos em lugares de muito movimento. **Toda vida que** precisei dessa ciclovia, nunca tive acesso por ela. (CP)
- (03) **Toda vida que** eu me amufinar, vou lembrar da felicidade de ter essas oportunidades. (X)

---

<sup>2</sup> Em julho de 2023, a rede social Twitter trocou de nome, passando a se chamar X.

Nas ocorrências de (01) a (03), verifica-se o sentido temporal instaurado pelos construtos *toda vida que*, os quais carregam nuance semântica diferente da observada em [toda vida], microconstrução com valor adverbial de tempo que é, de certa forma, ligada a [toda vida que]<sub>connect</sub>. Seguem casos para visualização de [toda vida] nas mesmas fontes de dados:

(04) **Toda vida** tive muita falta de ar devido a ansiedade q sofro, sempre tive controlada, só q há uns 3 meses estava em casa e do nada senti uma tontura... (CP)

(05) Nunca gostei de questionário. Uma coisa chata **toda vida**. (CP)

(06) Filipe Luís pra marcar gol é um pangaré, **toda vida** foi isso. (X)

Enquanto *toda vida* parece exprimir a ideia de permanência, o matiz temporal demarcado por *toda vida que* está mais voltado à reiteração. Esse sutil desdobramento de significado parece estar na base para a aquisição da função conectora, aliado à presença do *que* na estrutura interna, interpretação pela qual se assume que [toda vida que] constitui uma só unidade cognitiva, um *chunk* que vem se difundindo pela comunidade de falantes.

Estudos como os de Kortmann (1997) e Longhin-Thomazi (2011), ao tratarem de conectivos formados por bases perifrásticas, salientam a frequência com que estruturas complexas integradas por orações relativas são ambiente propício ao surgimento de juntivos. Núcleos nominais de orações relativas, em várias línguas, são afetados por mudanças que os conduzem a juntores temporais (além de causais, condicionais e contrastivos)<sup>3</sup>.

No caso aqui abordado, o exame dessa possibilidade implicaria que se observassem, primeiramente, os movimentos que levaram o núcleo *vida* a comportar o sentido de tempo e de “evento que se repete”<sup>4</sup>, fenômeno a ser avaliado em conjunto com o caráter pronominal e anafórico supostamente exibido pelo *que*. A partir daí, o segundo passo

---

3 Destaca-se, também, a pesquisa de Pereira e Paiva (2008), em que se analisa o processo de gramaticalização das construções [*Prep1 + Det + Ntemporal + (Prep2) + que*] como locuções conjuntivas temporais. O estatuto gramatical dessas construções, exemplificadas por *na hora (em) que*, *no tempo (em) que* e outras, é ambíguo, admitindo a interpretação de nome com o traço [+ tempo] modificado por uma oração relativa, ou de juntor (já como um *chunk*) introdutor de oração satélite associada temporalmente à oração núcleo.

4 Para Cezario, Silva e Santos (2015), o esquema conectivo abstrato [XQUE]<sub>connect</sub> surgiu no século XVI com o *slot* X preenchido inicialmente por itens que denotavam tempo e mais tarde por outras formas. A construção teve sua produtividade ampliada historicamente: em alguns casos, advérbios diversos com sentido de tempo foram usados no *slot* como *logo*, *antes* e outros. Posteriormente, por efeito de analogias, formas com sentido básico muito distinto foram angariadas. A presença de analogia e outros processos no percurso de [toda vida que] ainda será pesquisada.

seria averiguar aspectos da neoanálise, que teria operado sobre o complexo oracional no sentido de fazer com que o relativo *que* fosse reinterpretado como parte do sintagma anterior. A exploração dessas hipóteses exigiria uma pesquisa de maior fôlego, o que foge aos objetivos deste artigo.

Ainda em Kortmann (1997), com base em línguas europeias, indica-se a existência de uma estrutura em camadas das relações semânticas interoracionais, presentes na dimensão cognitiva. A amostra abordada evidencia que, no que diz respeito ao desenvolvimento de conectivos adverbiais, a relação de tempo, domínio cognitivamente mais acessível, frequentemente se constitui como fonte de mudança semântica que inicia o processo de surgimento de outros conectores. Para o autor, juntores típicos não são flexionáveis, não cumprem função sintática e se posicionam mais fixamente na oração de que fazem parte. Em resumo, Kortmann (1997) especifica três critérios acerca de conectivos perifrásticos, dos quais ao menos um deve ser atendido: (a) exibir uma fusão mínima; (b) ter perdido ao menos parte de suas propriedades originais e (c) portar ao menos uma interpretação não totalmente recuperável via significados das partes.

Torna mais notável a candidatura de [toda vida que] a conector temporal sua similaridade com [toda vez que]<sub>connect'</sub> sem que isso, contudo, insinue que as duas microconstruções são sinônimas. A disponibilidade de mais de uma forma para a expressão de uma mesma noção é algo previsto nas abordagens funcionalistas, que ressalvam que se duas construções são distintas na forma devem ser funcionalmente diferentes, como explana Goldberg (1995) via *princípio da não-sinonímia*. Ainda que sejam cogitadas particularidades de uso (a serem descritas em estudo futuro) de uma e de outra variante, sua alternância não interfere significativamente no conteúdo proposicional expresso, o que ajuda a equiparar [toda vida que] com outros conectores da mesma natureza<sup>5</sup>.

Baseado nessas considerações e adotando a perspectiva teórica dos Modelos Baseados no Uso (daqui em diante, MBU), o presente trabalho procura oferecer um quadro do comportamento de [toda vida que], suficiente para estabelecê-lo na já conhecida rede [X QUE]<sub>connect'</sub> que licencia casos como *mesmo que, sem que, assim que, desde que, na hora que, sempre que, toda vez que, visto que, dado que* e muitos outros, mais alinhados aos conectivos prototípicos ou mais periféricos, agrupados como não canônicos. Pretende-se, especificamente, explorar sua inserção dentre as microconstruções conectoras temporais, recorrendo a aspectos de sua significação e composicionalidade, de sua atuação como elo de natureza hipotática e de sua ordenação. Para o alcance desses propósitos, o artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira seção, são apresentadas questões teóricas dos MBU, na segunda, situam-se os procedimentos metodológicos selecionados e, na terceira, faz-se a análise das ocorrências, a qual conduz às considerações finais. Por fim, apresenta-se o referencial bibliográfico utilizado.

---

5 Em Cezario *et al.* (2022), por exemplo, destacam-se [toda vez que] e [sempre que].

## Pressupostos teóricos

O estudo parte do que se nomeia como Modelos Baseados no Uso, sustentados, por sua vez, por pressupostos funcionalistas e cognitivistas. O que se convencionou chamar de funcionalismo norte-americano, paradigma com forte projeção nos anos 1970, foi um pilar importante para o surgimento dos MBU, por representar uma reação às limitações constatadas nas pesquisas estruturalistas e gerativistas, ambas de cunho formal. Assim, no bojo dos estudos desenvolvidos na Costa Oeste dos Estados Unidos, entendia-se que “uma dada estrutura da língua não pode ser proveitosamente estudada, descrita ou explicada sem referência à sua função comunicativa” (Furtado da Cunha, 2011, p. 163).

Pesquisas fundadoras do que se tem hoje como Linguística Cognitiva (LC) também foram motivadas pelas lacunas de teorias anteriores, já que contemplavam questões sintáticas ou semânticas deixadas de fora, sobretudo, pelo gerativismo. Impulsiona a LC a ideia de não modularidade da mente, isto é, de que a linguagem não constitui um componente autônomo, independente de outras faculdades mentais. Hoje, no variado conjunto de teorias abrigadas pelo modelo, reconhece-se que o conhecimento linguístico é pautado nas experiências que o falante tem com a língua, e as categorias linguísticas são baseadas nos usos reais das construções, da mesma forma que as categorias pelas quais se classificam seres e objetos são baseadas na experiência do homem com o mundo.

Ensejados pelo diálogo entre esses campos teóricos, os MBU, também abarcados por rótulos como Linguística Baseada no Uso ou Linguística Funcional Centrada no Uso (Pinheiro; Alonso, 2018), consideram, de forma geral, que o inventário construcional resulta da interação do *input* linguístico com uma série de processos cognitivos de domínio geral. Pode-se afirmar que a asserção básica do funcionalismo, de que a gramática é um conjunto de regularidades moldado pelo uso, encontrou consonância na ideia cognitivista de que tais regularidades, ou estruturas, emergem de instâncias concretas que permitem a fixação de pareamentos convencionais, por meio de processos cognitivos como categorização, rotinização e generalização.

Tais pareamentos de forma e significado constituem as construções, unidades básicas da língua. Com diferentes níveis de abstração e complexidade, as construções vão de lexemas a padrões como o da oração transitiva, por exemplo. Ligada à abstração, encontra-se uma importante propriedade das construções, a esquematicidade. Para Traugott e Trousdale (2021), um esquema é uma forma de generalização taxonômica de categorias, sejam elas linguísticas ou não. Na língua, os esquemas são grupos abstratos, semanticamente gerais, que podem ser procedurais ou de conteúdo. Dessa forma, dentro do inventário linguístico, as construções exibem diferentes graus de esquematicidade, pautados em uma gradualidade de generalização e especificação. O nível do esquema contempla padrões pautados em formatos mais gerais e inespecíficos, com maior número de *slots*

a serem preenchidos. É o que ocorre na construção [SVO], capaz de abrigar diferentes elementos em cada uma de suas posições. No nível do subesquema, estão os padrões parcialmente esquemáticos, nos quais menos *slots* encontram-se por preencher, como o subesquema dos conectores [XQUE] com valor temporal, com um lugar preenchido e outro passível de ser ocupado por variadas unidades linguísticas. Finalmente, no nível das microconstruções, situam-se casos que são totalmente preenchidos e não têm nenhum *slot* vazio, ou seja, *types* individuais, específicos.

As duas outras propriedades das construções são a produtividade e a composicionalidade. A produtividade, conforme Traugott e Trousdale (2021), é vista de maneira gradiente e depende da observação do grau em que um esquema atrai construções menos esquemáticas. Conjuntamente, pode-se considerar, também, a frequência das construções e de seus construtos (ocorrências empiricamente atestadas, faladas ou escritas) como indicativos dessa propriedade.

O conectivo veiculador de sentido temporal mais frequente, para Braga e Paiva (2013), é o *quando*. Complementarmente à ideia de frequência de ocorrências atestada no referido estudo, retoma-se a pesquisa de Pereira e Paiva (2008), em que se analisa o processo de gramaticalização das construções [*Prep1 + Det + Ntemporal + (Prep2) + que*] como locuções conjuntivas temporais (são exemplos *na hora (em) que, no dia (em) que, na época (em) que* e outras). Apesar de exibirem estrutura diferente do caso aqui tratado, o enfoque dos nomes (*tempo, dia, hora e época*) faz-se relevante, pois ratifica a produtividade de expressões nominais no quadro dos conectivos de tempo.

A composicionalidade refere-se ao grau de transparência do elo entre forma e significado, ou seja, ao quanto os significados das partes, correlacionados, levam ao significado do todo. Segundo Traugott e Trousdale (2021), se um construto é semanticamente composicional, contanto que o falante tenha produzido uma sequência sintaticamente convencionalizada, o ouvinte, por sua vez, entende o significado de cada item individualmente. Se não é composicional, existirá uma incompatibilidade entre o significado dos elementos componenciais e o significado do todo.

Acerca de questões de significação relativas ao caso em tela, convém considerar as especificações de Braga (2000) e Braga e Paiva (2013). Há, nesses estudos, contribuições no sentido de demarcar que as relações temporais se dividem em subcampos específicos: superposição, simultaneidade coextensiva, anterioridade, anterioridade imediata, posterioridade, limite temporal e contingência, cada qual materializado por um *type* ou uma gama de microconstruções pertinentes. Ante essas várias possibilidades de desdobramentos de uma mesma noção, importa delinear a forma como [toda vida que]<sub>connect</sub> põe em cena seu valor temporal, passando por questões composicionais, ao mesmo tempo em que se observam aspectos de seu uso.

No âmbito dos MBU, de forma geral, a língua, assim como outros sistemas cognitivos, é vista como uma rede de nós e relações entre esses nós. A representação do conhecimento linguístico em forma de rede possibilita compreendê-lo em termos de construções que são estocadas no conhecimento linguístico dos falantes e que são interligadas mutuamente (Langacker, 1987; Diessel, 2019). Isso significa que as construções não existem isoladamente e que a organização da rede gramatical é dinâmica, estruturando-se e reestruturando-se a partir das experiências individuais e coletivas com a língua, tal qual as redes neurais armazenadoras da memória (Diessel, 2019).

Dessa maneira, no subesquema dos conectivos temporais, inserido na rede de conectivos [XQUE], ao lado de [toda vez que], [cada vez que], [sempre que] e outros possíveis, defende-se a incorporação de [toda vida que]. A consideração de que a presença de mais uma construção na rede provoca sua reorganização está na base da abordagem construcional da mudança linguística, conforme se vê em diversos autores, dentre eles Traugott e Trousdale (2021). Para eles, são dois os processos fundamentais da mudança: a mudança construcional e a construcionalização. A primeira é constatada quando ocorrem alterações que afetam uma dimensão interna da construção, a da forma ou a do significado, não envolvendo a criação de um novo nó na rede. As mudanças construcionais podem levar (mas não necessariamente) à formação de novos pareamentos de forma e significado. Nesse caso, ocorre o que denominam construcionalização.

Diante de pareamentos de natureza procedural, ganha relevância o fator composicionalidade, pois alterações que tocam a transparência semântica dos elementos, provocando sua diminuição ou perda, associam-se a processos cognitivos como a automatização, crucial para a consolidação de novas funções gramaticais. Segundo Diessel (2019), trata-se de um processo gradual, relacionado à frequência de uso, que contribui também para a formação de *chunks*. O processo de *chunking*, por sua vez, é tomado como uma unidade de organização na memória, possível graças à união de *chunks* já disponíveis. Nas línguas, esse processo permite a formação de expressões e/ou unidades linguísticas baseadas em itens sequenciais que, com o uso, passam a ser embalados juntos na cognição. Há, segundo Bybee (2016), *chunks* fracos, compostos por palavras usadas juntas só uma vez, e outros mais frequentes (como o inglês *pick and choose* - escolher a dedo), mais facilmente acessíveis como um todo, apesar de mantidas certas noções em suas partes.

## Metodologia

Os dados da análise foram coletados no banco Corpus do Português, disponível em <https://www.corpusdoportugues.org> (Davies; Ferreira, 2006) e na rede social X. O *corpus* comporta três bancos (ou Abas) mais específicos: o Histórico, o Web Dialetos e o Now. O primeiro conta com 45 milhões de palavras e contém dados que vão do século XIII ao século XX, distribuídos em textos orais, de ficção, jornalísticos e acadêmicos. O

segundo conta com cerca de 1 bilhão de palavras, compiladas a partir de vários tipos de páginas da internet de Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. Já a *Aba Now* contém aproximadamente 1 bilhão de palavras e contempla o século XXI, de 2012 a 2019.

A microconstrução [toda vida que] não se mostrou tão presente, mesmo com a realização de buscas com variações estruturais, por meio das formas [toda a vida que] e [todavida que]. Na *Aba Histórico*, não houve nenhum caso. Na *Aba Web Dialetos*, houve 15 casos, um a mais que na *Aba Now*.

Diante disso, e para garantir um universo maior de ocorrências, optou-se pela adoção de uma rede social. Criada em 2006, nos Estados Unidos, o X possibilitava inicialmente um espaço para publicação de pequenos textos, de no máximo 140 caracteres. Com o tempo, porém, passou a ter espaço para publicar fotos, transmitir vídeos ao vivo, além de outras funcionalidades que o colocam entre as principais redes sociais do mundo. Para este artigo, em específico, a adoção de uma rede social se deu pela observação, a ser ainda sistematizada, de que [toda vida que]<sub>connect</sub> é uma microconstrução bastante disseminada em interações virtuais.

Pela impossibilidade de abarcar todos os casos captados nessa rede social, fez-se necessário optar por algum recorte. Seguindo o compromisso de apenas descrever a microconstrução, selecionaram-se as cem primeiras ocorrências de [toda vida que]<sub>connect</sub> no X, unindo-as aos 29 casos do CP.

Quanto aos parâmetros que direcionaram as análises, empregaram-se os seguintes:

- 1) Função de liame oracional: com esse parâmetro, é possível esmiuçar o potencial da microconstrução de assumir o papel gramatical de alinhavo do texto (Cavaliere, 2018).
- 2) Posição: detalha-se, com esse parâmetro, como [toda vida que]<sub>connect</sub> se posiciona no complexo oracional de que faz parte.
- 3) Questões de significação e composicionalidade: com esse parâmetro, analisam-se questões relativas à significação das partes e do todo, o que toca traços sobre sua composicionalidade.
- 4) Enquadre em subespecificação do campo temporal: considerando que são diversas as nuances recobertas pela noção de tempo, esse quesito desvela características que sustentam o alinhamento da microconstrução com uma das subespecificações existentes.

## Características de [toda vida que]<sub>conect</sub> e sua atuação na rede dos conectivos

Antes da análise propriamente dita, expõem-se algumas informações acerca dos dados: não houve controle de gêneros textuais ou de suportes (*blogs*, jornais e outros) aplicado às ocorrências advindas do CP. Nessa base de dados, dentre os 29 casos, há apenas um dado não brasileiro, originado de Portugal. No X, no momento da coleta, as cem primeiras ocorrências situaram-se em sete dias, de 12 a 19 de setembro de 2023.

Na literatura linguística, as relações temporais são geralmente descritas no âmbito da subordinação, mais especificamente no bojo das subordinadas adverbiais (Neves, 2011; Bechara, 2015), e no da hipotaxe (Braga, 1999; Rodrigues, 2018; Neves; Braga, 2016). Abordagens como as de Hopper e Traugott (1993) priorizam tanto a semântica quanto a sintaxe, alocando as estruturas em um *continuum*, isto é, uma trajetória unidirecional, no sentido da menor para maior integração entre as orações. Explorando uma proposta tripartite, os autores discutem as arquiteturas sintáticas da coordenação (parataxe), da subordinação e da hipotaxe. Esses modos de combinação de orações se definem pelos traços dependência e encaixamento, que, combinados, geram complexos oracionais em que as sentenças estão no mesmo nível hierárquico ou aqueles em que se efetiva uma relação de oração núcleo + oração margem<sup>6</sup>.

A subordinação se delinea pela combinação [+dependência] e [+encaixamento], enquanto a hipotaxe se baseia em [+dependência] e [-encaixamento]. O perfil das hipotáticas lhes permite expandir suas orações nucleares, reelaborando-as, ampliando-as ou as envolvendo em uma moldura circunstancial. Assume-se aqui que os enunciados oracionais de tempo se perfilam a esse último subtipo, salientando uma espécie de orientação relevante acerca do significado da oração núcleo.

A investigação das orações de tempo passa pelo exame dos conectivos que as introduzem. Vale pontuar que a rede de conectivos passa por constante ampliação (Oliveira, 2014), sendo que um dos principais esquemas envolvidos, o esquema [XQUE], porta uma variável – um *slot* – quase sempre preenchido por nomes, verbos e advérbios (Longhin-Thomazi, 2010). A microconstrução enfocada neste trabalho baseia-se no que Neves (2011, p. 790), voltando-se às expressões *todas as vezes que* e *cada vez que* e ao exame das partes componenciais desses casos, chama de sintagma nominal frequentativo. Para a autora, trata-se de locuções conjuntivas ou conjunções compostas, as quais têm normalmente o *que* como elemento final.

A formulação histórica do conceito de conectivo é pauta do trabalho de Cavaliere (2018), que, por meio da análise de gramáticas do século XIX e de materiais engendrados no

---

<sup>6</sup> Há, também, uma oração núcleo articulada a mais orações margem (Braga, 2002).

âmago da elaboração da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), elenca os traços que sustentaram a descrição desse tipo de vocábulo. No contexto das doutrinas direcionadoras desses escritos, reúnem-se sob a designação de conectivo a preposição, a conjunção e o pronome relativo, cujo comportamento abarca alguns papéis, dentre os quais se destaca o de ligadura interoracional.

De posse dessas asserções, chega-se ao estudo de casos de [toda vida que], exemplificados abaixo:

- (07) **Toda vida que** vou fazer uma surpresa fico querendo contar KKK... tenho que aprender a ser misterioso. (X)
- (08) Eles não usam itens de segurança porque já andam há anos, já tem muita prática. No começo temos que usar, mas depois com o tempo não vamos mais cair tanto, e não vamos precisar usar itens de segurança **toda vida que** formos dar uma volta de skate na rua. (CP)
- (09) Tirei a carteira! E viajei. E passei mais um mês fora. Voltei, passei outro mês fora. Desaprendi a dirigir. **Toda vida que** ia sair, entrava em crise existencial, suando, chegava nos lugares mais cansada do que se tivesse ido de ônibus. (CP)

O elemento *quando* é definido como o conectivo temporal prototípico, dadas suas frequência e versatilidade. Conforme já apontado, o significado de tempo presentifica-se na língua por meio de seus vários desdobramentos semânticos, tidos como subespecificações de sentido. O que os une é um significado mais básico, ligado ao momento ou à duração dos fatos percebidos pelo homem. Observa-se que, se mitigadas as subespecificações, os construtos de *toda vida que* acima podem ser substituídos por esse conectivo “primário”, o que reforça a legitimidade de se considerar que a microconstrução em análise compõe o conjunto de juntores de tempo.

Vê-se, pelas ocorrências, que os construtos da microconstrução atam as orações, revestindo aquelas por eles prefaciadas da função de moldura em cujos limites deve ser compreendida a oração núcleo. No caso (07), a compreensão do desejo de contar coisas externado pelo falante deve ser entendido dentro dos contornos do ato de fazer uma surpresa, pois esses dois estados-de-coisa ocorrem juntos reiteradamente. Assim, é decisiva a presença de *toda vida que*, responsável por estabelecer a ligadura entre as asserções, bem como evidenciar a relação iterativa que elas mantêm. Atuação parecida pode ser captada em (08), em que a ação de dar uma volta de *skate* é projetada, vislumbrada como algo que se tornará frequente em um futuro próximo. A habituação/reiteração é, inclusive, o que poderá, na opinião desse enunciador, tornar dispensável o uso de todos os itens de segurança atinentes ao esporte, e essas relações emanam da presença de [toda vida que]<sub>connect</sub>. O caso em (09) reforça esse mesmo tipo de leitura, já

que o entrelaçamento dos eventos “sair (dirigindo)” e “entrar em crise”, revelador de que um deles dispara repetidamente o outro, é promovido por *toda vida que*.

Orações de tempo podem se antepor ou pospor às orações núcleo (Braga, 1999; Neves, 2011). Como recurso auxiliar de análise, procedeu-se à observação dos quantitativos de ocorrências relativos a essas duas ordenações. Dos 129 casos estudados, 109 apresentam-se com a oração hipotática temporal anteposta, sendo essa a predominância de posição em ambas as bases de dados. Seguem (10) e (11) para visualização de cada ordenação:

(10) **Toda vida que** movo minha cabeça o mundo gira, inferno de labirintite. (X)

(11) Ele ia bruscamente para a varanda para me olhar **toda vida que** eu chegava ou saía de casa. No começo ele ficava só me observando e eu fui ficando desconfiado, depois foi que ele veio com essas covardias pro meu lado. (CP)

São várias as pesquisas que anunciam tendência semelhante quando da análise de outros conectivos temporais, dentre as quais se destaca a de Cezario *et al.* (2022), com foco em [sempre que] e [toda vez que], aferindo a preferência pela anteposição nos dois casos. Eles salientam que a segunda microconstrução, [toda vez que], tem uma presença ainda mais contundente nessa ordenação.

A similaridade formal de [toda vez que] e [toda vida que], assentadas sobre sintagmas nominais frequentativos iniciados por *toda*, enseja atenção a esse resultado. Tal como seu análogo mais próximo e à semelhança de tantos outros conectivos de tempo, a microconstrução em análise demonstrou tendência de ocupar uma posição típica, num ponto muito saliente da estrutura – o seu início. As orações antepostas criam o pano de fundo, ofertando primeiramente ao ouvinte a especificação temporal do evento codificado na oração núcleo. Desse modo, o ouvinte passa a dispor de um quadro de referência, materializado em um evento habitual, iterativo, que se consolida concomitantemente ao fato tido como principal. O seguimento dessa tendência configuracional, exibido por [toda vida que], tonifica sua acomodação no domínio dos mecanismos de conexão envolvidos com a hipotaxe temporal.

Já as orações temporais pospostas criam uma restrição, uma espécie de limite dentro do qual deve ser entendido o fato codificado pela oração núcleo, estratégia comumente acionada por conectivos de tempo e percebida em (11), em que a chegada e a saída de casa, vivenciadas pelo falante, formam os quadros espaço-temporais pertinentes à compreensão da asserção “ele ia bruscamente para a varanda para me olhar”, informação cujo “peso” no discurso justifica a ocupação da primeira posição.

A formação do sintagma nominal frequentativo que é a base de [toda vida que]<sub>connect</sub> ocorre pela união de *toda* e *vida*. Pelo exame dos 129 casos oriundos dos *corpora* investigados, detectou-se que é muito pequena a variabilidade estrutural nessa união, pois em um único dado a combinação eleita foi [toda a vida que]. Esse resultado enseja considerar que *toda* aciona o significado de “cada”, “qualquer”, não se combinando (em quase nenhum construto) com a determinação proporcionada pelo artigo definido feminino a.

Para o prosseguimento da reflexão, vale reafirmar o sentido de permanência de [toda vida], repetido (dado 05) por conveniência

(05) Nunca gostei de questionário. Uma coisa chata **toda vida**. (CP)

Em casos desse tipo, a microconstrução parece ter como um dos pilares o sentido de inteireza e totalidade contidas no adjetivo *toda*, que, na primeira posição da locução, pode perfeitamente preceder uma expressão definida, ou seja, a vida, presente em (12). É válido mencionar, nesse sentido, que expressões de valor adverbial com presença de artigo são numerosas nos *corpora*, concorrendo com a opção sem determinante.

(12) Mais ou menos assim: ó lá, tá vendo Plutão?! Pois é, pega a direita e segue **toda a vida** rrs (X)

[Toda (a) vida] seria, portanto, a expressão de algo perene, que perpassa longitudinalmente grande período de tempo.

Já a microconstrução de natureza conectiva, diferentemente, parece estar assentada sobre o pronome indefinido *toda*, portador de uma ideia genérica, que antecede substantivos dando ideia de indefinição, aos moldes de “cada”, “qualquer” e “uma” (cada pessoa, qualquer pessoa, uma pessoa). A partir do parentesco entre a locução com valor adverbial e o conectivo, vislumbra-se que a proximidade dos dois papéis de *toda* (adjetivo e pronome indefinido) pode ser um dos eixos da explicação sobre o surgimento do último. Dizendo de outro modo, o significado de reiteração do conectivo pode ser um desdobramento do de permanência e constância acionados pela expressão adverbial.

Por razões a serem esclarecidas em escritos vindouros, *vida* foi, na microconstrução conectiva e na de valor adverbial, o elemento eleito para dar ideia de um intervalo extenso no curso do tempo. Originalmente, *vida* é o período que decorre entre o nascimento e a morte dos seres, isto é, o tempo de existência ou funcionamento de alguma coisa. Unindo-se as ideias de totalidade, alocada em *toda*, e a de prolongamento temporal, presente em (a) *vida*, pode-se chegar ao esboço de uma explicação acerca de [toda vida]. Já [toda vida que] exige que sejam examinados o percurso e os processos que atribuíram

à *vida* a leitura de repetição/reiteração. Não se prescrua tal trajetória aqui, porém, as reflexões feitas já dão ideia da fraca recuperabilidade dos significados das partes, que estão menos transparentes. A simples soma de *toda* + *vida* não consolida a noção que o conectivo é capaz de instaurar, o que indica que a microconstrução é semanticamente menos composicional (Traugott; Trousdale, 2021). A exibição de mais casos pode corroborar tal leitura:

(13) Eu bebo 1 dose de cachaça (única bebida q tomo) todo santo dia EM CASA. **Toda vida que** estou em algum evento e estou dirigindo jamais eu bebo, o pessoal até me acha chato por isso. (CP)

(14) Eu babo **toda vida que** vejo roupa de bebê pra comprar. (X)

A adequada compreensão desses casos, assim como de todos aqueles em que figura o conectivo, depende de que se apreenda o significado da microconstrução como um bloco, que é expressivo de reiteração, prenunciador de que determinados estados-de-coisas seguem se repetindo sincronizadamente. Desse modo, está no cerne dessa interpretação a ideia de que, apesar de analisável, a microconstrução conectiva já se fixou como um *chunk*. Retomando Bybee (2010) e Diessel (2019), vê-se que o significado é processado como resultado do todo da construção e não como fruto da decomposição das partes. Cognitivamente, isso é possível porque essa sequência repetida de palavras é embalada como um agrupamento, de modo a ser acessada como uma nova unidade, que adentra a memória do falante. O uso frequente reforça o pareamento, de natureza procedural, fazendo com que os elementos contíguos não sejam mais percebidos, nesses usos, sem sua forte vinculação, o que desemboca na automatização da estrutura.

A expressão [toda vida que]<sub>connect</sub> envolve-se em um subesquema parcialmente esquemático, que exibe uma posição parcialmente aberta, ocupada por elementos nucleares que podem ser nominais, e uma totalmente fechada, preenchida pelo *que*. Considerando a capacidade expansiva das construções, nota-se que quanto mais variados os itens atraídos para uma posição aberta em um (sub)esquema mais abstrato e esquemático ele se torna. Já se tratou aqui da recorrência de perífrases nucleadas por nomes como fonte para conectivos, contexto em que importa mencionar que [toda vida que]<sub>connect</sub> parece ser uma microconstrução angariada pelo subesquema hipotático temporal por possível analogia a [toda vez que]. Para Bybee (2010), o processo de analogia é uma via pela qual novas estruturas são criadas baseadas em estruturas já existentes.

O perfil de significado de [toda vez que] e [toda vida que] as insere no rol de conectivos temporais instauradores da relação de contingência ou, nos dizeres de Neves (2011) e Bechara (2015), tempo frequentativo. O princípio da não-sinonímia conduz à convicção de que as microconstruções não são sinônimas, embora introduzam, igualmente, eventos

mais inclinados à factualidade, ao que é assertivo e próprio da vivência daquele que enuncia<sup>7</sup>. Os casos abaixo ilustram isso:

- (15) Eu tentei sair da Clock Town, porém **toda vez que** eu tentava sair, a tela ficava preta e eu simplesmente reaparecia em outra área... (CP)
- (16) **Toda vida que** eu leio nossas conversas meu coração palpita demais. (X)
- (17) Alguém me ajuda! Cara, meu cabelo quebra pra caramba não sei mais o que faço, pois **toda vida que** vou lavá-lo ele quebra muito. (CP)

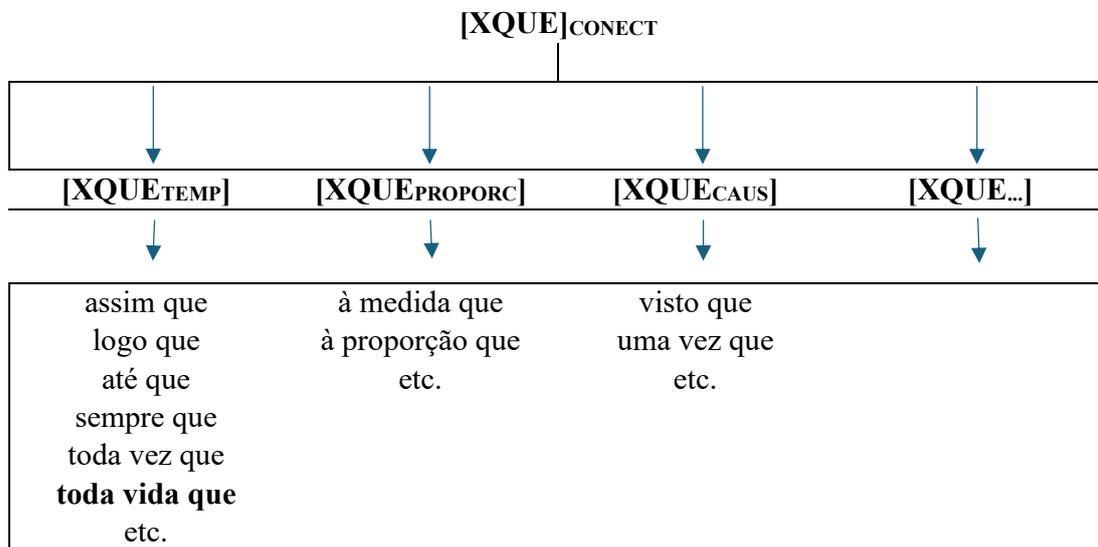
Como se vê nos casos acima, trata-se de eventos certos, reais, que são ou foram vivenciados, repetidamente, pelo falante. Essa configuração de sentidos é uma tendência para [toda vez que] e parece ser muito considerável para [toda vida que]. Similaridades e distinções entre essas microconstrução serão averiguadas com o andamento da pesquisa.

Braga e Paiva (2013), assim como Longhin-Thomazi (2010) e Oliveira (2014), refletem sobre o fato de que a classe dos conectivos é maior e mais variada do que se costuma pensar. Considerando a ideia de gramática emergente, entende-se que essa vastez é uma consequência do uso linguístico, traduzida no desenvolvimento de novos pareamentos passíveis de serem abrigados pelo sistema da língua. Com base nisso e no reconhecido potencial de reorganização das redes de construções, propõe-se a seguinte representação para a hierarquia construcional que inclui [toda vida que]:

---

<sup>7</sup> Cezario *et al.* (2022) comparam tais características às de [sempre que], que se mostrou mais propensa à subjetividade e ao traço hipotético/não factual.

Figura 1 – [XQUE]<sub>CONNECT</sub>



**Fonte:** autoria própria, com base em Oliveira e Arena (2019), Cezario *et al.* (2022)

A imagem da rede permite ver que o esquema [XQUE]<sub>connect</sub> abrange vários subesquemas, os quais contemplam diferentes significados, como tempo, proporção, causa e outros, representados pelas reticências. Defende-se aqui que um dos subesquemas, o de conectores temporais, em sua contínua remodelação, acomoda mais uma microconstrução ao lado daquelas já mais disseminadas na língua.

## Considerações finais

Este artigo buscou apresentar a microconstrução [toda vida que] como mais uma possibilidade de conectivo hipotático temporal disponível nas interações desenvolvidas pelos falantes do português contemporâneo. Para isso, buscou pormenorizar alguns de seus traços, elaborando um quadro descritivo suficiente para defender sua inserção na rede de conectivos [XQUE] e, ao mesmo tempo, relacioná-lo a outros elementos do mesmo subesquema.

A análise de 129 casos de [toda vida que]<sub>connect</sub> permitiu elucidar alguns aspectos, ainda que outros tenham naturalmente ficado em aberto. A primeira característica que se comprova é a atuação da microconstrução como um elo entre porções do enunciado, capaz de alinhar as orações que sustentam o período. Esse papel de liame oracional é um dos mais salientados quando se trata de explicar aspectos da função procedural implicada em mecanismos de conexão.

Outro resultado alcançado diz respeito à posição de [toda vida que]<sub>conect</sub> na estrutura de que faz parte. Seguindo a tendência de elementos semelhantes, a microconstrução demonstrou significativa preferência pela posição anteposta, considerada privilegiada no complexo oracional. Esse perfil ajuda, também, na confirmação de que [toda vida que] atua na hipotaxe circunstancial, desenhando a moldura temporal em cujos limites se deve entender o fato principal, expresso na oração núcleo.

Do ponto de vista do significado, nota-se que as partes integrantes da microconstrução são menos transparentes, não sendo possível dizer que seu sentido como conectivo se constitui pela imediata união dos significados das partes. Seu alto grau de entrincheiramento impele que a compreensão se dê pela consideração de [toda vida que] como uma só unidade, um *chunk*. Ainda, dentro da dimensão temporal, uma das mais básicas acessadas pela cognição, esse conectivo mobiliza a ideia de tempo frequentativo, isto é, as porções enunciativas por ele prefaciadas colocam-se em uma condição de evento que se repete, sempre relacionado a outro cuja realização lhe é concomitante.

A presença de mais um exemplar (não descrito, até o momento) na rede [XQUE]<sub>conect</sub> e, em específico, no subesquema [XQUE<sub>conect temp</sub>] reforça a ideia de que a gramática vai se consolidando de forma a se amoldar às necessidades do uso, em uma dinâmica que, continuamente, promove novos pareamentos de forma e significado.

## Referências

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 38. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira e Ed. Lucerna, 2015.

BRAGA, M. L.; PAIVA, M. da C. Estabilidade e instabilidade sistêmica: as orações de tempo sob uma perspectiva diacrônica. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 21, n.1, p. 111-134, 2013.

BRAGA, M. L. Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. VII: novos estudos. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BRAGA, M. L. Os enunciados de tempo no português de vontade. *Letras de Hoje*, PUC-RS, v. 3, p. 7-18, 2000.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha e Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CAVALIERE, R. A noção de conectivo nas gramáticas brasileiras do século XIX. *Filologia e linguística portuguesa*, v. 1, p. 9-30, 2018.

CEZARIO, M. M.; SILVA, T.; SANTOS, M. Formação da Construção [XQUE]<sub>CONEC</sub> no Português. *Revista e-escrita: revista do curso de Letras da UNIABEU*, v. 6, p. 229-243, 2015.

CEZARIO, M. M.; LONES, B.; CASTANHEIRA, D.; CAMPOS, J. L. Usos de orações hipotáticas iniciadas por *sempre que* e *toda vez que*: o papel da subjetividade nas escolhas linguísticas. *Revista virtual de estudos da linguagem*, v. 20, p. 143-172, 2022.

DIESSEL, H. *The Grammar Network*. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 157-174.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Explain Me This. Creativity, Competition and Partial Productivity of Constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico Discursivo. In: JUBRAN, C. C. S. A. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 1. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 89-132.

KORTMANN, B. *Adverbial Subordination. A Typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 1997.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. "Vai que eu engravidado de novo?": gramaticalização, condicionalidade e subjetivização. *Lusorama*, v. 81-82, p. 135-150, 2010.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Flutuação e gramaticalização no paradigma dos juntores em português: forma, significado e história de '(na) hora que'. *Filologia Linguística e Portuguesa*, n. 13(1), p. 147-166, 2011.

NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L. As construções hipotáticas/adverbiais. In: NEVES, M. H. de M. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção das orações complexas*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 123-166.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, T. P. Conjunções adverbiais no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, p. 45-66, 2014.

OLIVEIRA, M. R.; ARENA, A. B. O viés funcional do pareamento simbólico função < > forma na abordagem construcional da gramática. *Soletas*, n. 37, p. 30-58, 2019.

PEREIRA, M. H.; PAIVA, M. da C. Estatuto sintático das orações introduzidas pelas construções (prep) + Det + N temporal + (prep) + que. *Veredas*, v. 75, p. 245-262, 2008.

PINHEIRO, D.; ALONSO, K. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou). *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 6-29, 2018.

RODRIGUES, V. V. Uso(s) de conectores: uma abordagem funcional-discursiva. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 535-560, 2018.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Vozes: Petrópolis, 2021.